



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities
Brasil

Kralik Angelini, Paulo Ricardo
POR UMA TEORIZAÇÃO DO AFETO: UMA LEITURA DE RIBAMAR, DE JOSÉ
CASTELLO, E O FILHO DE MIL HOMENS, DE VALTER HUGO MÃE
Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 25, julio-diciembre, 2015, pp. 14-26
Laureate International Universities
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451511004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**POR UMA TEORIZAÇÃO DO AFETO: UMA LEITURA DE
RIBAMAR, DE JOSÉ CASTELLO, E O FILHO DE MIL HOMENS,
DE VALTER HUGO MÃE**

**FOR A THEORIZATION OF AFFECTION: A READING OF
RIBAMAR, BY JOSÉ CASTELLO, AND O FILHO DE MIL
HOMENS, BY VALTER HUGO MÃE**

Paulo Ricardo Kralik Angelini¹

Resumo: Parece incrível que, em pleno século XXI, a pesquisa acadêmica realizada com paixão possa suscitar críticas. Este artigo, pois, pretende discutir o afeto como possibilidade de investigação teórica na literatura. Assim, serão analisados dois personagens protagonistas de romances contemporâneos, um brasileiro e outro português, na relação pai e filho. Para esta análise, serão cotejados autores como Restrepo, Nicolescu, Le Breton, Bauman, Merleau-Ponty, Blanchot, Chauí e Valéry.

Palavras-chave: Afeto, Literatura Contemporânea, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira.

Abstract: It's remarkable that in the 21st century, academic research performed with passion can give rise to criticism. This article aims to discuss the affection as possibility of theoretical research in literature. Thus, will be analyzed two characters of contemporary novels, a Brazilian and other Portuguese in a father-son relationship. For this analysis, will be collated authors such as Restrepo, Nicolescu, Le Breton, Bauman, Merleau-Ponty, Blanchot, Chauí and Valéry.

Keywords: Affection, Contemporary Literature, Portuguese Literature, Brazilian Literature.

O lugar da ciência não é dentro de salas hermeticamente fechadas, de laboratórios de experiência, de nichos em que habitam seres outros que não conseguem se comunicar com o resto da humanidade. Neste sentido manifesta-se o físico teórico Basarab Nicolescu, autor de uma obra que ajuda a redefinir (a ausência de) parâmetros para o conhecimento: *O manifesto da transdisciplinaridade*. Nicolescu chama a atenção para um olhar novo do saber que transcende as etiquetas segmentárias. A transdisciplinaridade traz a abertura dos agentes do conhecimento para outras extensões, antes tidas como imiscíveis. É um direcionamento para os espaços possíveis de diálogo através das diferentes disciplinas e também, como quer Nicolescu, *além* de qualquer disciplina. É compreender o mundo através da unificação do saber. É ver o mundo renascer em uma nova ordem de pensamento. O autor postula a morte de uma lógica binária que antes rotulava um conhecimento como científico ou não científico, naquilo que denomina um “big-bang disciplinar” (2001,p.41). O fato é que essa transformação provoca outra morte: a do homem objetivo, sem nuances, reproduzidor de sistemas já falidos e objeto frio de análise. Assim, duas culturas desenhadas por séculos como antagonistas, a científica e a humanista, podem finalmente fazer as pazes.

Além de inúmeros teóricos que propõem novas formas de saber, e modos outros de saber o saber, também a democratização do texto, advinda pela possibilidade de exercício graças à internet e às redes sociais, ajuda a romper as fronteiras daquilo que é literatura, ou filosofia, ou história, ou física, por exemplo. Todo o objetivo de

¹ Professor adjunto da Faculdade de Letras/PUCRS.

compartimentação das áreas já se mostra mais que ultrapassado. Ou seja, o lugar da ciência é onde se quer que ela esteja.

Entretanto, há um mal-estar quando, no ambiente das discussões teóricas, comenta-se sobre o lugar da paixão no fazer (e no fazer-se) acadêmico. O lugar da paixão na ciência. Como se a paixão e a motivação desvirtuassem o pesquisador de uma análise mais ‘objetiva’. Aliás, mesmo em áreas em que a objetividade cede espaço para a subjetividade, como a literatura, parece que quanto maior a paixão pelo objeto de estudo, maior a censura dos paladinos da razão. As ‘interferências emocionais’ poderiam colocar em risco uma análise mais apurada. Porém, o que seria do mergulho rumo ao saber sem a paixão?

Curiosamente, muitos pensadores, filósofos e cientistas mergulharam seus estudos na emoção e nos sentimentos. Literalmente. David Le Breton, em seu livro *As paixões ordinárias*, faz um resgate diacrônico de quem se debruçou cientificamente sobre as emoções, desde Platão, que culpava os poetas a estimularem sentimentos que prejudicariam o corpo racional da comunidade, passando por Descartes, que realizou uma análise fisiológica da emoção, ou por Darwin, que publicou uma importante obra que analisava a emoção do ponto de vista naturalista – *A expressão das emoções no homem e nos animais* (Le Breton, 2009). O escopo da ciência que trabalhava para entender a emoção, não raro, era desviado para a elaboração de arrazoados nos quais fossem expressos os *perigos* do sentir.

Da mesma forma, a esterilização do ambiente científico tem contaminado o fazer acadêmico, obrigado, muitas vezes, a vestir a camisa de força da padronização. O engessamento e a matematicidade da produção científica, seguindo tabelas e valorações oriundas de fora para dentro do meio educacional, eliminam, cada vez mais, o prazer e a paixão da prática do saber. Da descoberta, da comunhão, da práxis docente. Marilena Chauí compactua com essa ideia, no seu combate à *universidade operacional*, em texto polêmico que foi proferido como aula inaugural na USP, em agosto de 2014:

Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e objetivos. Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está pulverizada em micro-organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual (CHAUÍ, 2014, p.5).

Chauí enumera ações que desviariam o foco da universidade e do docente para algo que não o conhecimento, como “o aumento insano de horas-aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios, etc” (Ibidem, p.5). A potencialização de tarefas desviantes e a corrida pela permanência nos quadros das universidades, corrida essa gerida por coeficientes de produção, desumanizam o ambiente científico. Outra vez Chauí alerta, em reportagem de Malú Damázio, para a mercantilização do conhecimento: “O modelo tecnocrático de gestão voltado à sociedade de mercado dirige a universidade da mesma forma que administra uma montadora de automóveis ou uma rede de supermercados” (DAMÁZIO, 2014, Internet).

Junto a isso, há um isolamento crescente no fazer científico, e a academia transforma-se, paulatinamente, em arquipélagos de conhecimento, pequenas propriedades pertencentes a um ou outro nome docente. É preciso, urgentemente,

construir pontes, e essa obra da engenharia necessariamente passa pela troca afetiva, pela paixão, pela subjetividade. Também o desenvolvimento das tecnologias provoca um afastamento sistemático do outro em nossas vidas. Cada vez mais, as ferramentas e plataformas disponíveis no mundo digital suportam uma caminhada solitária: pede-se alimentação, amizade, entretenimento com um clique. Assim, as relações humanas fragilizaram-se, e vivemos, como afirma Bauman, *tempos líquidos*. O outro passou a ser, muitas vezes, uma ameaça: “Separar e manter distância se tornam a estratégia mais comum na luta urbana atual pela sobrevivência” (BAUMAN, 2007, p. 78). Le Breton é igualmente incisivo: “Na origem de toda existência humana, o outro é a condição de sentido: ele é fundador da diferença e, assim, do elo social” (LE BRETON, 2009, p.36).

Contudo, o grupo do eu sozinho e a distância segura do outro prosperam em nossas academias. A ausência de tempo nas atribuladas agendas pessoais elimina possibilidades de uma construção conjunta do saber, impedindo produtivas trilhas interdisciplinares.

O discurso artístico é uma forma de mediação do real. Para Robert Stam, a literatura, muito mais do que se referir ao mundo, antes ainda de evocar esta realidade, representa-o sob forma de linguagens e discursos. Entretanto, há um caminho não objetivo nesta representação, uma rota de múltipla mediação, de múltipla filtragem. Stam refere que o discurso artístico “constitui uma refração de uma refração, isto é, uma versão mediada de um mundo socioideológico já textualizado e discursivizado” (STAM, 2008, p.456). E ainda que duplamente refratada, a literatura é espelhada pela sociedade. A construção de personagens na literatura contemporânea, portanto, é um foco interessante de análise, uma vez que é o personagem, como sugere Helena Buescu, que faz a mediação entre o mundo do texto e o mundo. A pesquisadora afirma: “é possível considerar a personagem como foco de consciência criado no interior do texto literário, porque nela reside uma capacidade perceptiva que, por ser forma de conhecimento, apresenta a realidade textual como sentido e compreensibilidade” (BUESCU, 1995, p.83). Ou seja, perceber este personagem como um elemento que carrega uma constituição de mundo significa operar num sentido múltiplo, de reconhecimento de diferentes universos.

Desta forma, evidentemente, as relações humanas desenvolvidas nos enredos de romances contemporâneos trazem, de modo recorrente, personagens quebrados, vivendo uma constante desconstrução afetiva. *Ribamar*, obra de José Castello, lida com esse tipo de matéria tão cara à contemporaneidade: a afeição. Ou o rombo que existe nesse espaço vazio, no local do afeto inexistente. O lugar-comum da percepção teórica apresenta-nos uma série de sintomas deste homem fragmentado no literário contemporâneo: o ser perdido, o ser quebrado num mundo de fraturas, as exigências do capitalismo, a sociedade de consumo opressora... Ou seja, quase sempre, o desajuste é causado pelo ambiente externo. É de lá que viria a pressão que estraçalha nossos personagens. Poucas vezes, entretanto, olha-se para o cerne, para o espaço íntimo das relações, para o desenho da constituição dos sentimentos. Sobre as ausências afetivas, geralmente só escutamos o silêncio.

De certo modo, em nossas análises teóricas sobre a literatura, mantemos em mente dois pontos-chave de segregação: o eu-autor-teórico separado do autor-empírico, ser repleto de subjetividade; e o olhar objetivo deste eu-autor-teórico na leitura desses personagens literários, uma leitura sempre segregada das relações vividas na diegese. Por conta disso, a proposta deste artigo é uma teorização do afeto. É centralizar a

discussão a partir de ausências e quebras do humano em relação ao outro no estudo da literatura.

Psiquiatra e filósofo colombiano, Luis Carlos Restrepo coloca em pauta uma reivindicação esquecida: o direito à ternura, título de sua obra. É a afetividade a *porta de entrada* para uma reflexão efetiva da intolerância que se percebe no mundo contemporâneo. Restrepo batiza uma expressão muito útil nesses tempos de objetivação do subjetivo: o *analfabetismo afetivo*: “Padecemos de um analfabetismo afetivo que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento” (RESTREPO, 1998, p.20). Diz ainda o filósofo: “Fala-se do direito ao emprego, do direito à habitação, do direito à educação (...) Mas parece suspeito e até ridículo falar daqueles direitos da vida cotidiana que permanecem confinados à esfera do íntimo” (Ibidem, p.9). *Ribamar* traz um personagem que se afoga em um mar de mágoas. Um ser que dolorosamente grita por visibilidade, não social, mas afetiva, porque se percebe invisível para aquele que mais deveria enxergá-lo: seu pai. Ele diz: “Sou um vira-lata que busca um afago e leva um chute” (CASTELLO, 2010, p.127). Mesmo seu nome é uma continuidade do nome paterno: José. Um nome-eco do passado, um ser que toma emprestado do pai até sua nota identitária mais básica: “Não adianta, a marca permanece. Tudo que resta é mastigá-lo até que, diluído e gasto, ele se torne só uma palavra” (Ibidem, p.184). Talvez por isso, no livro que o personagem irá escrever, começa a tratar o pai não mais como José, mas como Ribamar. Desta forma, batalha a independência de si mesmo: José é ele, não o pai. Restrepo afirma que as relações de poder que se estabelecem na intimidade refletem nossas ações políticas. Uma relação sem esses laços rasura a *dimensão fundante do afetivo*. José rebela-se contra sua transparência, textura adquirida com o não vínculo familiar. Procura reunir seus cacos, recuperar seus contornos. Ao buscar na memória a relação fracassada com o pai, pretende na verdade refazer-se: “Reduzido a uma lembrança, agora sim o tenho. É uma posse precária, da qual o principal (você mesmo) se exclui” (Ibidem, p.200).

É um filho que procura o pai.

E também há um pai que procura um filho. Em *O filho de mil homens*, obra de 2011 do português Valter Hugo Mãe, testemunhamos outro ambiente asséptico, solitário. Um homem chega aos quarenta anos. Ele olha para trás e observa um longo fio com relacionamentos fracassados pendurados. O amor, para ele, não vingou. Mas é quando olha para frente que esse homem mais sofre. É um homem que precisa de um futuro. É um homem que precisa de um filho. É um homem que precisa construir essa relação de ser pai. Em *Ribamar*, José olha para trás e vê com dificuldade a árdua relação que teve com o seu pai. Olha para trás e vê um frágil fio prestes a romper: “A história que persigo é feita de fios delicados, que minhas mãos grossas não conseguem repuxar” (CASTELLO, 2010, p.81). Resolve, portanto, escrever. Escrever-se. Ao recuperar a figura do pai, já falecido, ao reviver um tempo que foi, tenta reconstruir essa relação de ser filho.

O filho de mil homens, diferentemente da obra de Castello, transbordará otimismo, da sua metade para o final. Conta a história desse homem, Crisóstomo, um pescador solitário que percebe ser um colecionador de vazios. O otimismo do narrador de Mãe pode chocar os leitores mais cínicos, acostumados com obras que trazem personagens náufragos, que se contentam com o isolamento, que não lutam contra a sensação solitária e que cada vez mais afundam. Tanto é que a primeira parte da obra é apresentada em tom quase fabular, com direito a ilustrações pueris. Assim inicia a narrativa:

Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho. Chamava-se Crisóstomo. Estava sozinho, os seus amores haviam falhado e sentia que tudo lhe faltava pela metade... Via-se metade ao espelho porque se via sem mais ninguém, carregado de ausências e de silêncios como os precipícios ou poços fundos. Para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia de felicidade. Para dentro do homem o homem caía. Um dia, depois de ter comprado um grande boneco de pano que encontrou à venda numa feira, o Crisóstomo sentou-se no sofá abraçando-o. Abraçava o boneco e procurava pensar que seria como um filho de verdade, abanando a cabeça igual a estar a dizer-lhe alguma coisa. Afagava-lhe os cabelos enquanto fantasiava uma longa conversa sobre as coisas mais importantes de aprender. [...] Queria dizer meu filho, como se a partir da pronúncia de tais palavras pudesse criar alguém (MÃE, 2011, p.15).

Crisóstomo é um personagem-abismo, que cai para dentro dele mesmo; bem como José, protagonista de Ribamar, um personagem que busca na memória o espaço de convivência junto da afetividade. José, portanto, é, como Crisóstomo, um ser quebrado, oco. “Somos nozes vazias, embrulhos sem conteúdos, cascas” (CASTELLO, 2010, p.74). Sintomática é a cena em que José vê um cão ferido. Diz: “(o cão) precisa que eu lhe dê qualquer coisa, não importa o quê. Precisa receber. Está vazio como eu. A diferença é, enquanto ele late, eu escrevo” (Ibidem, p.62). É um ser construído de ausências, que procura, na escrita de sua história, “alçar voo e, em disparada, escapar de mim. Ou será o contrário?” (Ibidem, p.80).

“Para dentro do homem o homem caía”, nos diz o narrador de Mãe. O personagem acaba por comprar um boneco para fingir de filho: uma prótese afetiva:

A certa altura, abraçou mais forte o boneco, encolhendo-o até por o espremer de encontro ao peito, e acabou chorando muito, mas não chorou sequer metade das lágrimas que tinha para chorar. Achando que tudo era ausência, achava também que vivia imerso, como no fundo do mar (MÃE, 2011, p.16).

Os dois personagens, então, partem para o exorcismo dessa solidão. Um decide inventar uma família: “Decidiu que sairia à rua dizendo às pessoas que era um pai à procura de um filho. Queria saber se alguém conhecia uma criança sozinha” (Ibidem, p.18); o outro, José, decide reinventar a sua família, ao escrever a sua história, na verdade a história de seu pai, recompondo a sua relação com ele: “Escrevo para reconstruir o que não foi meu, mas seu. Faço o caminho de volta a um berço em que não me embalei; persigo lembranças que nunca tive” (CASTELLO, 2010, p.198).

Ao olhar para o objeto que perseguem – a busca pelo afeto – tanto José quanto Crisóstomo lidam com questões pertinentes à arte da criação. Paul Valéry, em *Degas Dança Desenho*, mergulha nesse mundo das percepções, no instante anterior ao nascimento da arte:

A percepção elabora tudo o que nos entrega como resultado impessoal e certo da observação. Toda uma série de operações misteriosas entre o estado de manchas e o estado de coisas ou objetos intervém, coordena como pode dados brutos incoerentes, resolve contradições, introduz julgamentos formados desde a primeira infância, impõe-nos continuidades, relações, modos de transformação que agrupamos sob os nomes de espaço, tempo, matéria ou movimento (VALÉRY, 2012, p.72).

É bastante similar o processo realizado por José e por Crisóstomo. É através do pai, da busca do pai e da relação falida com o filho perdido no passado, que José

finalmente começará a reconstituir-se, a dar nitidez a seus rascunhos. E é através da reconfiguração de si mesmo, a partir de uma nova concepção familiar, que Crisóstomo reagirá, que passará a enxergar-se menos como borrões sem sentido. É um estudo de perspectiva, lembrando Maurice Merleau-Ponty, em *A prosa do mundo*:

O objeto próximo e o objeto distante não são comparáveis, um é próximo e de uma pequenez absoluta, o outro distante e de uma grandeza absoluta, e isso é tudo. Se quiser passar daí a perspectiva, devo parar de olhar livremente o espetáculo inteiro, fechar um olho e circunscrever minha visão, relacionar a um objeto que isole o que chamo o tamanho aparente da lua e o da moeda (MERLEAU-PONTY, 2013, p.101).

José fecha um olho para aproximar as imagens do pai: o da memória e o da realidade. O pai opressor, gigante da sua lembrança de infância, deve ser redimensionado. Outra vez Merleau-Ponty:

O que transporto ao papel não é a coexistência dos objetos percebidos, sua rivalidade diante do meu olhar. Encontro o meio de arbitrar seu conflito, que produz a profundidade. Decido fazê-los coabitar num mesmo plano, e obtenho isso substituindo o espetáculo total e coagulando sobre o papel uma série de visões locais monoculares (Ibidem, p.101).

A sobreposição de dois planos de tempos distintos também ocorre com Crisóstomo. Primeiramente, o português olha para o passado: “Não era uma tristeza, era exatamente uma saudade de ter sofrido o que sofrera, o necessário para lhe ensinar a usufruir mais tarde, agora, a felicidade” (MÃE, 2011, p.213). Diferentemente de José, Crisóstomo não fica imóvel neste passado, mas mira o futuro. Para ele, a dor é pedagógica; aprendemos com ela e, a partir dela, podemos elaborar tempos felizes: “Achava ele que se devia nutrir carinho por um sofrimento sobre o qual se soube construir a felicidade” (MÃE, 2011, p.213). Desta forma, acreditava que não era preciso “cultivar a dor, mas lembrá-la com respeito, por ter sido indutora de uma melhoria, por melhorar quem se é” (Ibidem, p.213).

Já José é puro sofrimento, e seu calvário será mais longo. Ainda que soubesse que “palavra alguma pode estancar uma dor” (CASTELLO, 2010, p.104), também acredita que é através da escrita, essa atividade mágica de reconstrução, que conseguirá trabalhar em perspectiva. O deslocamento do personagem empilha tempos distintos: passado e presente autopenetram-se, mas é sempre sobre (a falta de) afeto que se fala: “Bato asas em torno de você, meu pai, um homem em cujo peito nunca cheguei a pousar” (CASTELLO, 2010, p.38).

Maurice Blanchot, em *O espaço literário*, teoriza sobre o nascimento da palavra e vai ao encontro do discurso de José: “As lembranças são necessárias, mas para serem esquecidas, para que nesse esquecimento, no silêncio de uma profunda metamorfose, nasça finalmente uma palavra, a primeira palavra de um verso” (BLANCHOT, 2011, p.89). José recupera suas recordações para delas ver-se livre, estágio que Crisóstomo já atingiu. Percorre os silêncios de sua infância, reconstrói suas memórias para fazer a palavra soprar, seja seu livro, seja seu grito de alforria na relação com o pai: “Trabalho como um arqueólogo, que escapa sem saber o que vai encontrar” (CASTELLO, 2010, p.47). Ao cavocar o passado, o personagem cai no abismo construído a partir de diferentes e dolorosas distâncias: a dele com o pai, a dele com o filho que (não) foi: “Talvez não seja uma fuga, mas uma queda. Nesse caso, onde caio? Caio em mim” (Ibidem, p.80).

Queda vertiginosa dentro dele mesmo, dentro desse ser oco e solitário. Escrever tem a ver com a *solidão essencial*, já nos diz Blanchot. José afirma: “Talvez encontre dentro de mim o que o mundo me negou. Talvez só me reste isso: dormir e voar para dentro” (CASTELLO, 2010, p.275). A escrita surge como desvio, como atalho. Assim complementa Blanchot: “Escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. É passar do Eu ao Ele...” (BLANCHOT, 2011, p.25). José, ao despencar para dentro dele mesmo, redefine-se outro. Enxerga-se como o outro, o filho frágil de um pai sem espaço para o carinho: “Queria pular a cerca, me deitar e dormir. Dormir no seu colo, pai” (Ibidem, p.199). José mendiga por afeto.

David Le Breton, em seu estudo sobre a antropologia das emoções, sublinha o trauma advindo da ausência do afeto, representado, por exemplo, no beijo: “O beijo é um gesto simbólico de afirmação da ligação com o outro. Se ele não é dado quando esperado, sua carência abre uma chaga viva, da qual mesmo os adultos podem se lembrar” (LE BRETON, 2009, p.84). Le Breton coloca a terrível prova de indiferença que é um pai ou uma mãe egocêntrico, sem espaço para nutrir atenção ao filho: “Como o beijo jamais conferiu consolação, a dor continua a irrigar o presente e a alimentar a representação da insuficiência de amor” (Ibidem, p.84). É o retrato pungente da infância de José, carente pelo toque do pai, por um abraço, por um beijo.

Em contrapartida, o pescador português acredita na possibilidade real de convivência com o outro, apossando-se de si em relação ao mundo externo. E encontra este outro, um personagem-abismo como ele mesmo, um menino de quatorze anos. Encontra, pois, o filho, assim descrito:

Era um menino pequeno, um corpito de poucos quilos e muito susto, assim o viu Crisóstomo. Era um menino na ponta do mundo, quase a perder-se, sem saber como se segurar e sem conhecer o caminho. Os seus olhos tinham um precipício. E ele estava quase a cair olhos adentro, no precipício de tamanho infinito escavado para dentro de si mesmo. Um rapaz carregado de ausências e silêncios [...] Para dentro do rapaz pequeno era um sem fim e pouco do que continha lhe servia para a felicidade. Para dentro do rapaz o rapaz caía (MÃE, 2011, p.21).

Pede-lhe para ser seu pai, e constrói uma família. “Farto como estava de ser sozinho, aprendera que a família também se inventava” (Ibidem, p.210). A invenção funciona. Camilo, este menino-oco, aprende a ser por Crisóstomo amado, e aceita ser seu filho: “Também ele se tornara filho do Crisóstomo sem mais pergunta nem explicação. Fixara o ar terno do Crisóstomo, fixara como transbordava de si mesmo correspondendo ao conselho que lhe dera ao beijá-lo” (Ibidem, p.159). A relação dos dois não tem uma subtração afetiva. Ao contrário, é toda construída na manifestação do sentimento: “o Crisóstomo abraçava o Camilo, beijava-lhe a testa” (Ibidem, p.215).

José, pelo contrário, procura buscar uma outra infância, capaz de lhe proporcionar uma convivência carinhosa com o pai. Em suas palavras, sempre uma tentativa de reconfigurar uma infância quase mítica, onde o lugar do afeto fosse respeitado. Restrepo pleiteia o protagonismo da ternura: “A ternura é um paradigma de convivência que deve ser adquirido no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vingança, da sujeição e da conquista” (RESTREPO, 1998, p.13). O caráter bélico sempre esteve presente. José nasceu como um ser vencido, e dia após dia, com o desamor paterno, desaprendeu-se de si: “(Você) parte do princípio de que controlo meus

gestos. E que através deles, desejo sempre atingi-lo. Meus atos o têm como destino inevitável. Eu o persigo” (CASTELLO, 2010, p.239). É assim que percebe como o pai o vê, como um inimigo a ser combatido: “Minha existência, você pensa, não passa de um desafio. Tenho um único objetivo: importuná-lo. Quando lhe dirijo a palavra, não quero me expressar, quero vencer” (Ibidem, p.239). A luta armada esvazia o lugar da afabilidade. Em suas lembranças, sonha com o toque do pai, talvez um abraço, talvez um beijo de boa noite. Mas a carícia precisa do outro. Diz Restrepo: “A carícia é uma mão revestida que toca sem ferir e solta para permitir a mobilidade do ser com quem entramos em contato” (RESTREPO, 1998, p.51). Fazer carícias é permitir-se um ser sensível. É interagir com esse outro. Completa o psiquiatra colombiano: “A carícia, como diz Jean Paul Sartre, não é um simples roçar de epidermes: é, no melhor dos sentidos, criação compartilhada, produção, feitura” (Ibidem, p.51). O ato afetivo pede um outro. Por isso a ternura é o assumir de uma ruptura, uma vez que apenas um indivíduo que revela suas fraturas e expõe a necessidade da interação com o outro, questionando sua própria autonomia, questionando seu individualismo, permite-se imergir numa sensorialidade imprescindível para a humanização dos indivíduos. E é por isso que José escreve, que organiza suas lembranças em emaranhados de palavras, procurando revolver suas ausências, procurando dar sentido a suas rasuras. Outra vez, Blanchot:

Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio e, por ela, em ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, onde a imagem, de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura, e de forma desenhada sobre a ausência torna-se a presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém (BLANCHOT, 2011, p.26).

A ausência do pai, solidificada no tempo, constrói essa estátua de Pompeia, que nasce da tragédia, a tragédia do não afeto. Uma estátua construída a partir do vazio. Para Blanchot: “A leitura faz do livro o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens: uma pedra mais lisa, o fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro, sobre o qual não se indaga enquanto é visto” (BLANCHOT, 2011, p.210). José escreve o passado, José relê o passado, desgasta a imagem sólida do pai, tira-lhe os sulcos. Cava seus buracos à procura de si mesmo. Extrai do passado a matéria que é feita de palavras não ditas, de abraços não dados, de sorrisos nunca materializados.

O lugar do afeto é muito presente em *O filho de mil homens*, em absoluta contraposição com *Ribamar*. O pai educa-o para o bem, cercando o filho de carinho: “O Crisóstomo então levantou-se, atravessou o quarto, saiu, foi ver o Camilo deitado e beijá-lo para dormir e disse-lhe: nunca limites o amor, filho, nunca por preconceito algum limites o amor” (MÃE, 2011, p.157). Na sequência do diálogo, explica que apenas o amor é capaz de agigantar as pessoas: “Porque dizes isso, pai. O pescador respondeu: porque é o único modo de também tu, um dia, te sentires o dobro do que és” (Ibidem, p.158). A educação do amor, cartilha aplicada por Crisóstomo, é seguida à risca por Camilo, que adota um cão, e dele cuida: “O cão esperava. Estava educado. O Camilo orgulhoso” (Ibidem, p.157). Assim, o pai vai oferecendo ao filho o companheirismo de um parceiro: “Ao pé de mim, podes sentir tudo o que sentires, podes dizer-me o que souberes e quiseres, e pedir-me o que precisares” (Ibidem, p.215).

Há uma espécie de teatralização na relação ‘pai e filho’ nos dois romances. Crisóstomo abandona a encenação inicial, artificializada de ser pai, descartando o

boneco, e parte para o ensaio real de uma convivência nova, afetiva, familiar. Já José, quanto mais se aprofunda nas memórias, mais percebe-se figurante de um teatro: “O que me interessa não é tanto você, pai, mas o homem que dentro de você se esconde. Ser pai é um papel. Todo pai é uma máscara” (CASTELLO, 2010, p.136). Assumindo que também ele é uma representação: “Como sustentar a máscara de filho? (...) Com os anos, as lágrimas secam e o suor se adensa, a máscara gruda no rosto. [...] Torna-se o próprio rosto” (Ibidem, p.191).

O mascareamento de José é metáfora de nosso mascaramento, personagens de nós mesmos em nossas práticas diárias. Tirar a máscara esculpida pelo tempo é voltar para o passado. É olhar para o íntimo procurando o que está distante, disforme. Valéry enuncia:

Não posso tornar precisa minha percepção de uma coisa sem desenhá-la virtualmente, e não posso desenhar essa coisa sem uma atenção voluntária que transforme de forma notável o que eu antes acreditava perceber e conhecer bem. Descubro que não conhecia o que conhecia... (VALÉRY, 2012, p.61-62).

É este o exercício realizado por José: falar de um próximo que sempre foi ausente, “falar do pai é falar da ferida que nos conectou e que, ao mesmo tempo, nos separou. Como um oceano, que liga, mas afasta dois continentes” (CASTELLO, 2010, p.136). A partir da reconfiguração do outro, José percebe-se. Merleau-Ponty afirma:

Jamais se compreenderá que um outro apareça diante de nós; o que está diante de nós é objeto. É preciso compreender claramente que o problema não é esse. O problema é compreender como me desdubro, como me descentro. A experiência do outro é sempre a de uma réplica de mim, de uma réplica minha (MERLEAU-PONTY, 2012, p.221).

Na percepção da fundamental presença do outro, para José, é hora, pois, de assumir um *impeachment* afetivo: “Estranho vínculo. Fala-se de uma filiação, mas penso mais em uma deposição. O pai se ergue para destituir o filho de sua posição de reflexo” (CASTELLO, 2010, p.196). É hora de desapossar-se do pai e apossar-se de si mesmo, porque: “é no mais íntimo de mim que se produz a estranha articulação com o outro; o mistério de um outro não é senão o mistério de mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 221), afirma Merleau-Ponty.

Crisóstomo reproduz o argumento de Merleau-Ponty na desconstrução do estranhamento com o outro. Ao contrário, ao habitar um mesmo teto com o filho, percebe-se que tudo fazia parte de uma ordem natural: “Estavam as coisas do Camilo dispostas pela casa como se tivessem feito pela casa para estarem ali” (MÃE, 2011, p.131). Dia a dia, ambos vão preenchendo lacunas e silêncios pelo toque e pela cumplicidade. Camilo, ao observar seu quarto, constata-se pertencente àquela realidade:

O rapaz pequeno percebeu que, depois de um ano, era dali. Ganhara raízes. O corpo deitava-lhe domínios pela cama abaixo, pelas paredes acima, até para lá da porta. Apagou a luz para sorrir com o tamanho sempre infinito da escuridão. Também ele tinha um tamanho cada vez mais infinito. E não caía. Sentia que se levantava (Ibidem, p.217).

Desta forma, Camilo preenche-se. Não mais é oco. Assim, “o rapaz pequeno crescia semeado com boa esperança. Certamente seria terreno farto aquele lugar, a nutrir a aprendizagem necessária, o afeto necessário” (Ibidem, p.131). Afeto que,

contrariamente a José, é construído por palavras ditas, frases amorosas que se multiplicam: “Amo-te muito, filho. Era o que mais queria dizer: meu filho” (MÃE, 2011, p.252), a ponto do próprio filho reproduzir a lição: “Antes de dormir, o Camilo disse que amava o Crisóstomo, amava o seu pai. Precisou de o dizer para não se limitar no amor. Precisou de o dizer para si mesmo, para não se limitar no amor” (Ibidem, p.159)

Já o mergulho de José nas lembranças da infância trazem o eco de dolorosas e cruéis frases do pai, como as comparações com animais: “Abra esses ombros [...] Você parece um papagaio” (CASTELLO, 2010, p.182), “Por isso você vive curvo. Os livros o entortam” (Ibidem, p.182), “Meu filho, você parece uma barata” (Ibidem, p.182). E são esses insultos que o fazem aproximar-se da imagem de um cão vira-lata, abandonado: “Em algum canto de meu interior, no escuro, um vira-lata, em vez de latir, se encolhe” (Ibidem, p.125). José vê Ribamar renunciar o papel de pai. Crisóstomo censuraria Ribamar, pois “desistir de um filho seria como desistir do melhor de nós próprios” (MÃE, 2011, p.227).

Em *Amor líquido*, Zygmunt Bauman teoriza sobre a falência das relações humanas. Ele afirma que os vínculos na estrutura familiar mostram-se absolutamente frágeis, um terreno movediço, nebuloso. Constituir uma família é dispendioso, demanda um esforço que, para muitos, é demasiado, tanto financeiramente quanto emocionalmente. Entretanto, segundo o pensador, ter um filho pode ser uma ponte para algo mais duradouro nessas relações tão quebradiças da contemporaneidade, em que o imediatismo é a palavra de ordem. Bauman associa o filho com um objeto de consumo emocional, que ganha maior espaço ainda no mercado de sustentação, de manutenção. Isso porque os indivíduos calculam também seus sentimentos do ponto de vista prático, e se os produtos podem ser devolvidos, trocados, as relações também acabam por adquirir esse aspecto de contrato. Porém, ter um filho é uma das decisões mais definitivas que se pode tomar:

Ter filhos significa aceitar essa dependência divisora da lealdade por um tempo indefinido, aceitando o compromisso amplo e irrevogável, sem uma cláusula adicional ‘até segunda ordem’ – o tipo de obrigação que se choca com a essência da política de vida do líquido mundo moderno e que a maioria das pessoas evita, quase sempre com fervor, em outras manifestações de sua existência (BAUMAN, 2004, p.61).

Ter filho é assinar um documento: sou pai. Ribamar, contudo, decide-se por não o ser. Ostenta um papel em branco. Não se movimenta no sentido da afeição. Não experiencia o amor paterno, diariamente puxando o filho para dentro do abismo que ajuda a cavar: “Na dor da perda, eu afundo em mim” (CASTELLO, 2010, p.180). Bauman nos diz que o amor é *afim à transcendência*. Amar significa “abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa [...] admitir a liberdade no ser” (BAUMAN, 2004, p.21). E a liberdade do outro, enxergando-o. Amar é um *impulso criativo*, sujeito a erros, riscos, perdas, quebras.

“O amor é uma pacificação com as nossas naturezas e deve conduzir ao sossego” (MÃE, 2011, p.157), diz o personagem português. Crisóstomo segue à risca essa cartilha. Diz ao filho: “Amo-te muito, filho. Sabes, filho, amo-te muito. O Crisóstomo explicava que o amor era uma atitude. Uma predisposição natural para se ser a favor de outrem. É isso o amor. Uma predisposição natural para se favorecer alguém” (MÃE,

2010, p.136). Contudo, não há esse tipo de sensação de livre trânsito do afeto entre pai e filho na vida de José. Ele sente-se, então, encarcerado em si mesmo: “Eu sou minha prisão” (CASTELLO, 2010, p.180).

Houve uma época em que os filhos eram pontes para o futuro, “entre uma vida individual abominavelmente curta e a infinita (esperava-se) duração da família. Morrer sem filhos significava nunca ter construído uma ponte como essa (...). A morte de um homem sem filhos significava a morte da família” (BAUMAN, 2004, p.58). Ter filhos era permanecer. Morrer sem filhos era como não ter sido. Bauman sublinha que, na contemporaneidade, essa ponte está firmada numa margem de névoas, e essas pontes levam a lugar nenhum, porque o tempo de duração das relações é mais curto do que a expectativa de vida dos seus membros. Crisóstomo concorda, pois para ele os filhos “são modos de estender o corpo e aquilo a que se vai chamando alma. São como continuarmos por onde já não estamos e estarmos, passarmos a estar verdadeiramente...” (MÃE, 2010, p.227). São essas, pois, as pontes criadas por Crisóstomo.

Já José debate-se em sua própria neblina. Aqui, a ponte nunca existiu. Esse passado familiar parece-lhe suspenso, uma vez que não encontra uma imagem representativa de um verdadeiro pai/fundador. É por isso que o busca. Ainda que em ecos voltem as lembranças de uma meninice congelada em pequenos temores, recupera a dor da rejeição. Restrepo chama a atenção para a *pedagogia do terror*, conjunto de narrativas que são comumente passadas às crianças a fim de uma padronização de boas maneiras: do bicho-papão a criminosos reais que comem criancinhas, e que, grosso modo, servem como intimidação para um comportamento não incomodativo. José vasculha a memória e encontra a canção de ninar que embalava o seu sono, cantada pelo pai, e que trazia pequenas notas de impaciência, de violência sutil. *Cala a boca* não combina com uma suave canção de ninar. Ela assim finaliza: “cala a boca mimoso José” (CASTELLO, 2010, p.91). Essa canção servirá de arcabouço da obra a ser escrita, toda ela construída em cima do não afeto, como afirma o narrador². Cada nota dissemina um pouco dessa história.

Já Crisóstomo “acreditou que o afeto verdadeiro era o único desengano, a grande forma de encontro e de pertença. A grande forma de família” (MÃE, 2011, p.16). Portanto, a vida de Crisóstomo expande-se na construção dessa família. Há uma coleção de frases edificantes trazidas por ele, como “Amar uma pessoa é o destino do mundo” (Ibidem, p.151). José vai ao oposto desta lógica. Quanto mais perto da memória do pai, mais longe. A vida de José se reduz. Quanto mais o livro avança, mais o personagem diminui-se, a ponto de se destituir do papel de filho: “Eu fiz um voto de ser. Fiz um voto de me ser. [...] você cumpriu seu papel, se oferecendo como obstáculo que me afastava de mim. Poucos pais conseguem ser tão competentes. E eu cumpri o meu, que era o de saltar esse obstáculo” (CASTELLO, 2010, p.190).

Saber perdoar. Na gramática afetiva de *O filho de mil homens*, talvez seja esta a tônica, porque “as pessoas eram assim mesmo, feitas de imprudências” (MÃE, 2011, p.154). Por isso, Valter Hugo Mãe propõe uma verdadeira revolução em sua narrativa, longe de uma ingenuidade utópica, longe de um carolismo familiar, que é aquela que inicia na concepção clara de que somos seres sociais e, portanto, nascemos para viver em conjunto: “Aos quarenta anos, o Crisóstomo, com o seu inusitado entusiasmo, mudou o mundo” (Ibidem, p.231), porque ele acreditava que “somos o resultado de

² “Naquele momento decido: o livro que escreverei, Ribamar, terá a estrutura dessa canção” (CASTELLO, 2011, p. 92).

tanta gente, tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós” (Ibidem, p.237). Na obra, fica claro que a “solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo” (Ibidem, p.237).

É também o pensamento de Le Breton: “Um mundo sem outras pessoas é um mundo sem elo social, destinado à dispersão e à solidão” (LE BRETON, 2009, p.36). É este o raciocínio de Crisóstomo, de abrir-se ao outro, multiplicar-se: “acumulavam-se” (MÃE, 2011, p.216). No exercício com o outro, a descoberta de que não somos mais os mesmos. Como afirma o filósofo Merleau-Ponty: “a esse infinito que eu era, algo ainda se acrescenta, um rebento brota, desdobro-me, engendro-me, esse outro é feito da minha substância, e no entanto não é mais eu. Como isso é possível? Como o *eu penso* poderia emigrar para fora de mim, sendo eu?” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.220).

Finalmente, José reconcilia-se também com seus rancores: “Não tenho o direito de culpá-lo, pai. Não era você quem me emperrava o caminho. Eu me emperrava” (CASTELLO, 2010, p.124). Na sua nova verdade, revisita uma nova infância, na qual é possível o diálogo. “Você teve tempo para me fazer perguntas que não fez. Para expor dúvidas que, por certo, engoliu. Para se debruçar sobre meu peito e chorar pelo que nós perdemos” (Ibidem, p.36). Quer retomar uma conversa que nunca houve. Lembremos Restrepo: “Ali, sob o teto do lar, primam pseudodiálogos que mais parecem uma comunicação entre surdos” (RESTREPO, 1998, p.66). É nestas ruínas que perambulou José, revisitando culpas e acusações, no mais improdutivo dos silêncios.

Nasce, e assume-se na escrita e fora dela: “Por que escrevo? Na esperança de nesse palco, enfim, tomar meu lugar” (CASTELLO, 2010, p.118). Merleau-Ponty recorda-nos André Malraux: “Quanto tempo não leva, diz Malraux, até que um escritor tenha aprendido a falar com a própria voz” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.107).

José descobre a própria voz, e Crisóstomo, materializa-se em cada pequeno objeto do mundo. É, pois, o sentido da permanência, as pontes sugeridas por Bauman: “Aos quarenta anos, o Crisóstomo deitou-se sobre a areia e inventou que estava ligado a todas as pequenas e grandes coisas do mundo, como se lhes pertencesse igual e cada pedaço de matéria fosse uma extensão longínqua de si” (MÃE, 2011, p.229). No eixo do mundo, a força do afeto de Crisóstomo e dos seus: “Parecia que se juntavam para tornarem cada história fundamental. Como se fosse fundamental cada concha, cada objeto esquisito e tudo ser contado em companhia” (Ibidem, p.159).

José e Crisóstomo, cada qual a sua maneira, descobrem-se outros no outro, ainda que, no caso do personagem brasileiro, este outro talvez fosse ele mesmo cravado na infância. Reconciliam-se, compreendem-se, ainda que algumas coisas sigam doendo.

“Serei outro homem. Isso é a esperança” (CASTELLO, 2010, p.278), atesta José. E assim, esses dois personagens, depois de cavocarem um terreno minado de ressentimentos, voltam para casa: “É hora de fechar as malas, pagar as contas e voltar para casa” (Ibidem, p.278).

A casa é aqui, configuração plena do ser. A casa é este lugar estranhamente nosso.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BUESCU, Helena. **A lua, a literatura e o mundo**. Lisboa: Cosmos, 1995.

CASTELLO, José. **Ribamar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a universidade operacional**. Discurso Aula Magna USP, 8 de agosto de 2014. Disponível em http://www.adusp.org.br/files/database/2014/tex_chau_i.pdf

DAMÁZIO, Malú. Chauí critica ensino 'tecnocrático' e responsabiliza governo de SP por crise da USP. **Rede Brasil Atual**, 9/08/2014. Acesso em 10/08/2015. Disponível em http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2014/08/chau_i-critica-ensino-tecnocratico-e-afirma-que-governo-de-sp-e-responsavel-por-crise-da-usp-897.html

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**. Petrópolis: Vozes, 2009. Trad. Luís Alberto Peretti.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. Lisboa: Alfaguara, 2011. 3ª ed.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 2001. 2ª ed

PEIXOTO, José Luís. **Morreste-me**. Lisboa: Quetzal, 2012. 12ª ed.

RESTREPO, Luís Carlos. **O direito à ternura**. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1998.

STAM, Robert. “Os potenciais da polifonia: reflexões sobre raça e representação”. In: **Multiculturalismo tropical**. São Paulo: EdUSP, 2008.

VALÉRY, Paul. **Degas dança desenho**. Trad. Christina Murachco. São Paulo: Cosac Naify, 2012.